

RUBEM BRAGA

## “O” e “UM”

Um reporter do “Correio do Povo” andou perguntando aos intellectuaes da terra si literatura dá para viver. Não comentarei todas as respostas, que foram em numero de sete. Quero me occupar da entrevista de Erico Verissimo.

Citando seu caso pessoal (este anno está ganhando mais de 3 contos por mez, só com os romances) elle dísse textualmente, terminantemente : “O escriptor no Brasil pôde viver do que escreve”.

Pois eu acho que não. E' verdade que Erico Verissimo pôde viver do que escreve. Mas Erico Verissimo não é “o” escriptor; é, apenas, “um” escriptor. O seu caso prova apenas que “um” escriptor pôde viver do que escreve; talvez haja outros casos para provar que existem dois escriptores, tres, quatro, cinco, seis escriptores, no Brasil, capazes da mesma façanha. Ora, esses “seis” escriptores, mesmo sendo sete, ou oito, ou dez, não são “os” escriptores — são “alguns” escriptores.

E serão, por acaso, precisamente, os melhores? Lá isso eu não sei, que não sou ninguem para julgar escriptores. Pôde ser que sejam, mas não o são “forçosamente”.

Quero citar um caso: Graciliano Ramos. Tal como Erico Verissimo, Graciliano Ramos é considerado um dos melhores escriptores brasileiros; e eu creio mesmo que o proprio Erico Verissimo o considera o melhor de todos. Pois vamos a elle.

A ultima vez que visitei Graciliano Ramos elle não estava vivendo exclusivamente como escriptor. Tinha um pequeno emprego, pequeno e precario; mas tinha lá um emprego. Pois bem : com esse emprego e com a renda de seus romances e o producto de seus artigos, Graciliano morava, como ainda móra, em uma pensão da Correia Dutra, onde eu tambem já morei e, como não fiquei devendo nada, estou no pleno direito de

classificar de sórdida. Nessa pensão Graciliano vivia com a sua mulher e duas filhinhas, occupando todos os quatro um quartinho dos fundos. O quartinho é ruim e o banheiro não presta, mas em compensação a comida é pessima. E o velho Graça fazendo gymnastica para pagar a pensão.

O caso de Graciliano é um caso isolado? Não. Jorge Amado pôde viver dos romances que escreve? Não pôde. José Lins do Rego pôde viver dos romances que escreve? Não pôde. Creio que a citação desses tres nomes é sufficiente. Todos os tres são romancistas tão conhecidos, tão elogiados, tão xingados, tão traduzidos como Erico Verissimo.

Que se deve concluir? Apenas isto : que o escriptor de um certo typo de literatura pôde viver do que escreve; e que o numero desses escriptores no Brasil é extremamente reduzido. Basta ver as outras respostas á “enquête”, aqui no Rio Grande, para vêr que a resposta de Erico Verissimo, com aquelle “o” generalizador está errada. E basta conhecer a vida da esmagadora maioria dos escriptores daqui, de S. Paulo, do Rio, de Recife, de Bello Horizonte, de qualquer lugar, para concluir que, em geral, elles, si fossem viver apenas de seus trabalhos literarios, morreriam de fome com as respectivas familias.

Elogiando, outro dia, um grande escriptor do Brasil, Erico Verissimo lamentou — sem chegar a fazer uma restricção — que o seu pessimismo, fructo de uma vida amarga, deturpasse com frequencia a visão das coisas. Sua entrevista, meu caro Erico, está mostrando que o optimismo, fructo de uma bella posição literaria de bons resultados financeiros, tambem pôde deturpar a visão das coisas. E a deturpação é mais perigosa, porque pôde arrastar para a literatura rapazes honestos e ingenuos, dignos de melhor sorte...